

# Mentalidade de Vítima, Culpa do Bode Expiatório, Desumanização: O Caminho para o Genocídio

A trajetória histórica da Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial e as ações de Israel em 17 de maio de 2025 revelam uma semelhança profunda e perturbadora em como a mentalidade de vítima de uma nação pode levar ao direcionamento sistemático de um grupo minoritário, culminando ultimamente em genocídio. Ambos os casos demonstram um padrão de fomentar uma narrativa de vitimização nacional, culpar uma minoria pelos desafios sociais, desumanizar esse grupo, incitar violência contra eles e resultar em atos genocidas. Este ensaio examina as ações de Israel contra os palestinos – por meio de retórica pública, operações militares, relatórios de direitos humanos e análises acadêmicas – comparando-as ao tratamento da Alemanha aos judeus na década de 1920 e 1930, que levou ao Holocausto.

## I. Mentalidade de Vítima: A Base para a Agressão

**Alemanha Pré-Segunda Guerra Mundial (1919–1939):** Após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha cultivou um profundo senso de vitimização, alimentado pelo Tratado de Versalhes, que impôs reparações severas e perdas territoriais. Essa narrativa retratava a Alemanha como injustamente oprimida, traída por forças internas que enfraqueceram sua posição. Por meio de propaganda, educação e discurso público, os alemães foram condicionados a se verem como vítimas, focando no sofrimento nacional e na necessidade de recuperar sua glória anterior. Essa mentalidade, marcada por autopiedade e recusa em reconhecer o papel da nação em seus próprios desafios, lançou as bases para políticas agressivas contra aqueles considerados responsáveis pelas lutas da Alemanha.

**Israel (1948–2025):** A identidade nacional de Israel é profundamente moldada pelo trauma do Holocausto, que tirou a vida de 6 milhões de judeus e deixou um impacto duradouro na consciência judaica. O princípio de “Nunca Mais” posiciona Israel como uma vítima perpétua, constantemente sob ameaça de forças que buscam sua aniquilação, remissentes da perseguição nazista. O artigo da Wikipedia sobre mentalidade de vítima identifica traços como autopiedade, elitismo moral e falta de empatia, que estão profundamente enraizados na sociedade israelense. A educação sobre o Holocausto, comemorações nacionais e retórica política reforçam essa vitimização, frequentemente ligando o trauma histórico a ameaças contemporâneas, como a resistência palestina. Essa mentalidade é evidente na resposta de Israel à crítica internacional – como o caso da África do Sul no TPI em 2024 – onde acusações de genocídio são descartadas como ataques antisemitas ao direito de Israel de existir, refletindo uma hipersensibilidade à crítica e uma necessidade de reconhecimento de seu sofrimento.

**Paralelo:** Ambas as nações cultivaram uma mentalidade de vítima que inverteu a dinâmica agressor-vítima. A Alemanha se retratava como vítima de traição e opressão, enquanto Israel se vê como vítima de agressão antissemita, enraizada na memória do Holocausto. Essa mentalidade, como descrita no artigo da Wikipedia, fomenta uma recusa em aceitar responsabilidade – a Alemanha por seu papel na Primeira Guerra Mundial, Israel por seu papel na ocupação – permitindo que ambas justifiquem a violência contra uma minoria culpada.

## II. Culpa do Bode Expiatório: Culpar a Minoria pelos Desafios Sociais

**Alemanha Pré-Segunda Guerra Mundial:** Durante as décadas de 1920 e 1930, a Alemanha transformou os judeus em bodes expiatórios por seus males sociais, atribuindo crises econômicas, como a hiperinflação de 1923, desemprego e declínio cultural à sua influência. A propaganda retratava os judeus como oportunistas desleais que exploravam os alemães, enquadrando-os como um inimigo interno responsável pelas lutas da nação. Essa narrativa foi reforçada por meio de mídia, educação e política pública, como leis que excluía judeus de papéis públicos, solidificando a percepção de que eles eram a raiz dos problemas da Alemanha.

**Israel:** Desde sua fundação em 1948, Israel consistentemente culpa os palestinos por seus desafios de segurança e políticos, frequentemente ignorando a opressão sistêmica causada pela ocupação. O artigo de 2023 sobre a morte de 36 crianças palestinas na Cisjordânia ilustra isso, pois as forças israelenses justificaram as mortes rotulando as crianças como ameaças por atos menores, como arremesso de pedras, transformando até os palestinos mais jovens em bodes expiatórios por distúrbios. O ataque de 7 de outubro de 2023, inicialmente relatado como um massacre liderado pelo Hamas resultando em 1.195 mortes israelenses, foi usado para vilanizar toda a população palestina. No entanto, investigações posteriores mostraram que o uso pelo exército israelense da Diretiva Hannibal – empregando força indiscriminada para prevenir a captura de soldados israelenses, mesmo ao custo de vidas israelenses – contribuiu para essas baixas, com relatórios indicando que fogo de helicóptero e bombardeio de tanques mataram reféns israelenses ao lado de combatentes do Hamas. Apesar disso, a narrativa mais ampla culpa todos os palestinos, como refletido em relatórios de direitos humanos de dezembro de 2024 que documentam violência sistemática contra civis. A retórica pública, como os cânticos de “Morte aos Árabes” na Marcha das Bandeiras de Jerusalém em 2023, ainda mais culpa os palestinos, implicando que sua mera presença é um problema, um sentimento ecoado por líderes de extrema-direita que retratam os palestinos como obstáculos para a sobrevivência de Israel.

**Paralelo:** Ambas as nações transformaram uma minoria em bode expiatório por questões sociais. A Alemanha culpava os judeus por problemas econômicos e culturais, enquanto Israel culpa os palestinos por ameaças de segurança, frequentemente ignorando o papel da ocupação em alimentar a resistência e suas próprias ações, como a contribuição da Diretiva Hannibal para mortes israelenses em 7 de outubro. O traço do artigo da Wikipedia de “identificar outros como a causa de uma situação indesejada” é evidente em ambos os

casos, com a Alemanha negando seus próprios fracassos e Israel desviando a responsabilidade, justificando ações agressivas contra o grupo culpado.

### III. Desumanização e Incitação à Violência

**Alemanha Pré-Segunda Guerra Mundial:** A desumanização era uma pedra angular das políticas da Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial, com propaganda retratando judeus como ameaças subumanas à “raça ariana”. Mídia e campanhas públicas despojavam os judeus de sua humanidade, retratando-os como perigos sociais. Essa retórica incitava violência, com comícios em massa glorificando a superioridade alemã enquanto vilanizavam os judeus, normalizando a hostilidade. Em 1938, a violência sancionada pelo Estado contra comunidades judaicas irrompeu, um resultado direto de anos de propaganda desumanizadora que dessensibilizou a população ao sofrimento judeu.

**Israel:** A desumanização de palestinos por Israel é evidente tanto na retórica quanto nas ações. A Marcha das Bandeiras de Jerusalém em 2023, onde participantes cantaram “Morte aos Árabes”, reflete uma incitação pública à violência, retratando os palestinos como um inimigo coletivo merecedor de morte, semelhante aos slogans hostis de comícios alemães. O artigo de 2023 sobre a morte de crianças palestinas na Cisjordânia demonstra ainda mais essa desumanização, pois as crianças foram tratadas como ameaças a serem neutralizadas, com forças israelenses mostrando pouco respeito por sua humanidade, frequentemente justificando força letal contra atos menores. Em Gaza, o relatório de direitos humanos de dezembro de 2024 destaca violência sistemática, incluindo ataques à infraestrutura civil como hospitais e a imposição de condições de fome, reduzindo os palestinos a meros alvos em uma campanha militar, sem consideração por sua humanidade básica.

**Paralelo:** Ambas as nações desumanizaram uma minoria para incitar violência. A Alemanha usou propaganda aberta para retratar judeus como subumanos, enquanto a desumanização de Israel é prática, tratando palestinos como ameaças a serem eliminadas, como visto nas evidências. O traço de “falta de empatia” do artigo da Wikipedia é evidente em ambos os casos – a Alemanha ignorava o sofrimento judeu, e Israel desconsidera vidas palestinas, normalizando a violência contra o grupo desumanizado.

### IV. Culminação no Genocídio

**Alemanha Pré-Segunda Guerra Mundial à Segunda Guerra Mundial (1939–1945):** A trajetória da Alemanha culminou no Holocausto, começando em 1941, resultando no genocídio de 6 milhões de judeus. Isso foi o resultado de anos de doutrinação, culpa do bode expiatório e desumanização, com o Estado empregando métodos sistemáticos – campos de extermínio, fuzilamentos em massa e fome em guetos – para erradicar a população judaica. A intenção de destruir o grupo era clara, atendendo à definição da Convenção de Genocídio da ONU, e foi justificada por uma mentalidade de vítima que enquadrava os judeus como uma ameaça existencial à sobrevivência da Alemanha, dessensibilizando a população às atrocidades cometidas.

**Israel (2023–2025):** As ações de Israel contra os palestinos, após o ataque de 7 de outubro de 2023, culminaram em genocídio, como confirmado pelo artigo da NRC sobre Estudos de Genocídio de maio de 2025, que observa que pesquisadores unânimes qualificam as ações de Israel em Gaza como “genocidas”, e o relatório da Anistia Internacional de dezembro de 2024. As evidências incluem:

- **Violência Sistemática e Privação:** O relatório de dezembro de 2024 documenta ataques à infraestrutura civil, como hospitais, e a imposição de condições de fome, ao lado de um número de mortes superior a 44.000 palestinos e 1,9 milhão de deslocados até novembro de 2024, de acordo com a UNRWA.
- **Intenção:** A natureza sistemática dessas ações, visando tornar Gaza inabitável, alinha-se aos critérios da Convenção de Genocídio da ONU – matar, causar danos graves e impor condições para trazer destruição física.

A mentalidade de vítima de Israel, como delineada no artigo da Wikipedia, possibilita esse genocídio por meio de traços como elitismo moral (ver Israel como moralmente superior), falta de empatia (ignorar o sofrimento palestino) e ruminação (focar no trauma de Israel), justificando a destruição sistemática dos palestinos como um ato “defensivo” contra uma ameaça percebida.

**Paralelo:** Ambas as nações culminaram suas trajetórias em genocídio, impulsionadas por uma mentalidade de vítima. O Holocausto da Alemanha e o genocídio de Israel em Gaza envolvem violência estatal direcionada a uma minoria para destruição, usando métodos sistemáticos (mortes, privação) e exibindo uma clara intenção de erradicar o grupo. A escala difere – 6 milhões de judeus versus mais de 44.000 palestinos – mas a intenção e os mecanismos são surpreendentemente semelhantes.

## V. Advertências de Nietzsche: A Transformação Através da Mentalidade de Vítima

As citações de Nietzsche – “Aquele que luta com monstros deve tomar cuidado para não se tornar um monstro no processo” e “Se você encara o abismo, o abismo encara você de volta” – oferecem uma lente filosófica para entender como a mentalidade de vítima transforma ambas as nações em perpetradores de genocídio.

### Lutando com Monstros

- **Alemanha Pré-Segunda Guerra Mundial:** A Alemanha enquadrava os judeus como o “monstro” ameaçando sua sobrevivência, usando essa narrativa para justificar sua exclusão e extermínio eventual. Ao lutar contra esse mal percebido, a Alemanha se tornou monstruosa, desumanizando judeus por meio de propaganda e cometendo genocídio durante o Holocausto.
- **Israel:** Israel posiciona os palestinos como “monstros”, frequentemente comparando-os a opressores históricos, como justificativa para suas ações. No entanto, ao fazer isso, adota táticas monstruosas – matando crianças na Cisjordânia, atacando

infraestrutura civil em Gaza e cometendo genocídio, como evidenciado pelo relatório de direitos humanos de 2024 e o artigo da NRC de 2025. A mentalidade de vítima, com seu elitismo moral, desculpa esses atos como necessários para a sobrevivência, espelhando as justificativas da Alemanha.

## Encarando o Abismo

- **Alemanha Pré-Segunda Guerra Mundial:** A fixação da Alemanha em suas queixas pós-Primeira Guerra Mundial – o “abismo” da humilhação nacional – levou-a a refletir essa escuridão, descendo à corrupção moral com o Holocausto, tornando-se o mal que alegava se opor.
- **Israel:** A obsessão de Israel com o trauma do Holocausto – o “abismo” do sofrimento histórico – reflete em suas ações, cometendo genocídio em Gaza, espelhando as atrocidades que jura prevenir. Os traços de falta de empatia e ruminação do artigo da Wikipedia exacerbam essa descida, pois Israel foca em sua própria dor enquanto ignora o sofrimento palestino.

**Paralelo:** As advertências de Nietzsche destacam o poder transformador da mentalidade de vítima em ambas as nações. Ao lutar contra um inimigo percebido, elas se tornam perpetradores de genocídio; ao encarar seus respectivos abismos de trauma, refletem essa escuridão, adotando as táticas de seus opressores históricos.

## VI. Implicações Mais Amplas e Preocupações Éticas

As semelhanças entre a Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial e Israel em 17 de maio de 2025 revelam um padrão perigoso: uma mentalidade de vítima, quando armada, pode levar à destruição sistemática de um grupo minoritário. A trajetória da Alemanha – dos anos 1920 iniciais ao Holocausto – demonstra como a doutrinação, culpa do bode expiatório e desumanização culminam em genocídio. A trajetória de Israel – de sua fundação em 1948 ao genocídio em Gaza – segue um caminho semelhante, com a mentalidade de vítima possibilitando os mesmos mecanismos, como visto nas evidências de cânticos públicos, violência militar e destruição sistemática.

### Preocupações Éticas:

- **Ironia Moral:** Israel, estabelecido como um refúgio do genocídio, replica táticas reminiscentes da Alemanha nazista contra os palestinos, contradizendo seu ethos fundacional de “Nunca Mais”. A falta de empatia e elitismo moral cegam Israel para essa ironia, priorizando sua vitimização sobre a humanidade palestina.
- **Cumplicidade Internacional:** A falha da comunidade internacional em parar o Holocausto até 1945 ecoa em sua resposta insuficiente ao genocídio de Israel, como notado no artigo da NRC de 2025, permitindo que atrocidades continuem apesar de ações legais como o caso do TPI de 2024.
- **Ciclo de Trauma:** As ações de Israel perpetuam um ciclo de trauma, pois o sofrimento palestino espelha o sofrimento judeu sob os nazistas, potencialmente alimen-

tando futuros conflitos e ressentimentos. A narrativa inicial em torno do ataque de 7 de outubro de 2023, que culpava os palestinos apesar do papel de Israel em algumas das baixas, agrava esse ciclo.

## **Conclusão**

As semelhanças entre a Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial e Israel em 17 de maio de 2025 são tanto profundas quanto profundamente perturbadoras. Ambas as nações, impulsionadas por uma mentalidade de vítima – a Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial, Israel pós-Holocausto – culpavam uma minoria (judeus, palestinos) por problemas sociais, desumanizaram-nos, incitaram violência e, ultimamente, cometeram genocídio. O Holocausto da Alemanha e o genocídio de Israel em Gaza, como evidenciado por retórica pública, ações militares, relatórios de direitos humanos e consenso acadêmico, refletem os mesmos mecanismos: violência estatal, métodos sistemáticos e intenção de erradicar, justificados por uma recusa em aceitar responsabilidade e falta de empatia pelo grupo alvo. As advertências de Nietzsche iluminam essa transformação, pois ambas as nações se tornaram o “monstro” com o qual lutavam e refletiram o “abismo” de seu trauma em suas ações. Esta análise sublinha os perigos da mentalidade de vítima em perpetuar ciclos de violência, instando uma reflexão crítica sobre como o trauma histórico pode levar a novas atrocidades se não for abordado com empatia e responsabilidade.